

De volta ao futuro da língua portuguesa.
Atas do V UIO GNR/VI Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa
Simpósio 36 - A questão da(s) língua(s) portuguesa(s): entre o institucional e a memória do futuro, 807-820
ISBN 978-88-8305-127-2
DOI 10.1285/i9788883051272p807
<http://siba-esel.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

SABERES LINGÜÍSTICOS COMO DISCURSO: A LÍNGUA PORTUGUESA EM JOGO

Eliana de ALMEIDA⁹

RESUMO

Pela perspectiva teórica da Análise do Discurso, propomo-nos à compreensão dos *saberes lingüísticos* sobre o português, conforme se materializam enquanto discurso em circulação na imprensa, pelas formulações de *Saramago*, escritor português, e na entrevista de *Mia Couto*, escritor moçambicano. Considerando o atual contexto brasileiro de implementação das políticas e ações estratégicas de Estado, com vistas à divulgação e internacionalização do português brasileiro, e, como consequência, sua redefinição enquanto língua de comunicação internacional, perguntamos pelos sentidos sobre essa língua em espaços de *dizer* sobre, como a imprensa jornalística. Ao por em relação os efeitos de sentido produzidos sobre o português do Brasil, a partir de um olhar de fora, o do falante do português *não-brasileiro*, interessa-nos compreender a posição discursiva assumida por esses escritores em suas produções, para o que pomos em relação os saberes sobre *o português do Brasil* e os modos como são tecidos enquanto discurso sobre a língua, da qual são sujeitos-falantes. Ainda, buscaremos compreender, pelas noções de memória discursiva e memória de futuro, os modos pelos quais as formulações dos escritores projetam para o leitor os sentidos do português, enquanto língua transnacional.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; português do Brasil; língua transnacional; Mia Couto; Saramago.

Da perspectiva discursiva dos estudos da linguagem, supomos a noção de memória discursiva e memória de futuro enquanto um funcionamento próprio da linguagem. A propósito dos sentidos naturalizados pela ideologia, que se dão como absolutos, verdadeiros, a memória discursiva os atualiza pela linguagem sob o modo da repetição, de tal modo que não somos capazes de questioná-los impunemente, sem os fundamentos da mediação teórica.

Tal funcionamento constitui para a sociedade uma rede hegemônica de sentidos que, nos termos de Mariani (1996:36), torna-se “compatível com a atuação da chamada 'memória histórica oficial', sempre efetuando gestos de exclusão a tudo que possa

⁹ Eliana de Almeida – UNEMAT/CNPq; tofinho@yahoo.com.br

escapar ao exercício do poder e sempre preservando a nostalgia de um passado ‘bom e verdadeiro’”. Para Mariani, a nostalgia de um passado bom e verdadeiro joga, ao mesmo tempo, com a lembrança de um passado remoto e ruim, que pode ser superada pela memória de um passado outro, recente e melhor, produzindo o efeito de projeção de um futuro promissor. (Mariani, 1996:36)

Assim, a memória é definida como a reatualização de acontecimentos e práticas passadas, no presente da formulação, pela linguagem (seja a produção literária, científica ou mítica, historiográfica e/ou jornalística) na sua relação com a história. Para Mariani, o recordar possibilitado pela memória se concretiza no movimento do presente em direção ao devir, produzindo o efeito de memória do futuro, que, conforme a autora, é “tão imaginária e idealizada quanto a museificação do passado em determinadas circunstâncias”. (Mariani, 1998:38)

Consideramos que, a partir desses pressupostos sobre o funcionamento da memória, os sentidos em funcionamento sobre o português do Brasil, nas formulações de José Saramago (1922-2010) e Mia Couto (1955), reatualizam, de certo modo, as polêmicas empreendidas no Brasil do século XIX, entre as distintas posições discursivas sobre a língua escrita e falada em território brasileiro (Pfeiffer, 2001). Essas posições dividem-se entre defender como língua nacional do Brasil o português de Portugal ou o português brasileiro. No material de leitura que recortamos, supomos os sentidos sobre a língua portuguesa atualizarem essa cena das polêmicas, pondo-se de um modo outro como o objeto em questão e, desta feita, envolvendo outras nacionalidades e, assim, estendendo o espaço enunciativo de dizer a/sobre a língua.

Tomaremos o artigo de opinião de Saramago “O Português na ilusão do tempo”, publicado na França pelo *Courrier International*, Mars-avril-mai 2003, Hors-Série *Culture*, em relação com a *entrevista* de Mia Couto “O português do Brasil vai dominar”, concedida à Revista *Época*. Buscaremos compreender os sentidos em funcionamento para a língua portuguesa nesse espaço outro de enunciação, cujo contexto se define pela implementação de políticas e ações estratégicas do Estado, com vistas à divulgação e internacionalização da língua portuguesa do Brasil, conforme Zoppi-Fontana (2009:14). Como consequência disso, tem-se a redefinição do português brasileiro como língua de comunicação internacional – *língua transnacional*, o que traz também inúmeras questões.

Os saberes sobre essa língua que se marcam no artigo de opinião/entrevista instauram um espaço de enunciação outro, nos termos de Guimarães (2002), nos modos

como se dão a atribuição das línguas para os seus falantes. Para o autor, cada espaço de enunciação tem uma regulação específica, ou seja, distribui desigualmente as línguas na disputa pela palavra (Guimarães, 2002:24). Se o espaço de enunciação da língua portuguesa das polêmicas do século XIX restringia-se a Brasil e Portugal, no que concerne à língua e aos saberes em questão, temos, nesse novo contexto, a reconfiguração desse espaço de enunciação, visto envolver Moçambique, além de outras nacionalidades.

Para o autor, falar português no Brasil é falar uma língua que são várias, uma língua que é dividida, de tal modo que é uma e é diferente disso, e cuja divisão é marcada por uma hierarquia de identidades (Guimarães, 2002:21). A partir dessas considerações, do campo da História das Idéias Linguísticas, propomo-nos pela Análise do discurso à compreensão desse espaço de enunciação outro, visto tratar de saberes, escritores e falantes do português, pelo olhar de Portugal e Moçambique. Conforme Zoppi-Fontana (2009:9), com as políticas e ações estratégicas do Estado, tendo em vista à divulgação e internacionalização dessa língua, tal debate adquire novo vigor em 2008, dada a aprovação em Portugal do *Novo Acordo Ortográfico* que, no Brasil, vigora a partir de 2009.

O texto de Saramago foi publicado em 2008, 26 anos após o Prêmio Nobel de Literatura, o que deu grande visibilidade à Língua Portuguesa no mundo. Ao criticar os políticos de seu país por arrogarem-se de ser 200 milhões o número de falantes do português no mundo, Saramago organiza de certo modo o atual espaço de enunciação sobre a língua portuguesa: ele excetua 30 milhões de falantes, cujos países, fora Brasil e Portugal tem o português apenas como língua oficial; considera que 170 milhões de falantes do português precisam aprender a falar/escrever corretamente, ao convidar portugueses e brasileiros, para resolver o seguinte problema espinhoso: o de como aprender a falar e escrever a língua portuguesa corretamente.

Ainda, ao lamentar a perda dessa riqueza tão lusitana, Saramago refere ao espaço de enunciação do português apenas os 10 milhões de falantes nascidos em Portugal, atribuindo à maioria dos falantes do português, como o veremos mais adiante, um conhecimento rudimentar da língua, excetuando os falantes portugueses.

[...] Contrariamente ao que afirmam os políticos de meu país (Portugal), em particular quando tem responsabilidade de governo e, por conseguinte, a obrigação de fazer vibrar a corda do otimismo, nós não somos 200 milhões no mundo a falar o português. Para chegar a esse número, juntamos os 10

milhões de portugueses aos 160 milhões de brasileiros, os 30 milhões restantes se repartem entre Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, bem como Macau, embora lhes seja muito rara a ocorrência de falar o português na rua. Assim, aparentemente chegamos a uma conta redonda. Digo *aparentemente* porque na realidade não adicionamos falantes do português, mas habitantes de países que tem por língua oficial o português.

A atestação de Saramago de que não há correspondência entre o número de habitantes e o número de falantes do português nos países considerados de língua portuguesa se dá pelos diferentes modos de distribuição da língua nesse espaço. O escritor afirma “[...] aparentemente chegamos a uma conta redonda. Digo aparentemente porque na realidade não adicionamos falantes do português, mas habitantes de países que tem por língua oficial o português”. Conforme Guimarães (2009:48), a língua oficial é a língua de Estado, obrigatória nas ações formais e nos seus atos legais, o que aponta para a relação estabelecida entre sujeito/língua/Estado nesse espaço de enunciação circunscrito pelos falantes de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Macau.

A diferenciação entre ser falante do português e ser habitante de um país que tem o português como língua oficial dá visibilidade aos diferentes processos de colonização e dominação realizados por Portugal em suas colônias. Conforme Saramago, o número de 200 milhões de falantes do português no mundo deveria deixar de ser uma ilusão estatística, visto que grande parte desses habitantes, ou “não fala a língua ou tem sobre ela um conhecimento rudimentar”. Para o escritor, *devemos* superar essas tão graves dificuldades que jogam com a relação entre sujeito/língua/Estado nesses países, para que “o desenvolvimento cultural e material” se torne possível. Com isso, o escritor mobiliza para a língua portuguesa os sentidos do desenvolvimento cultural e material, possibilitando atestar que a língua portuguesa, tanto em Portugal como no Brasil, sendo ao mesmo tempo língua materna, nacional e oficial, produz o que falta nos demais países.

Nessa formulação, Saramago dá visibilidade aos modos pelos quais administra, organiza, divide o espaço enunciativo dos 200 milhões de falantes do português no mundo, ao excetuar dos falantes do português os países como Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, bem como Macau; ao situar brasileiros e portugueses entre aqueles que falam/escrevem incorretamente a língua (conhecimento rudimentar). Essa divisão do espaço de enunciação da língua

portuguesa no mundo, segundo o escritor, demanda ações necessárias em relação à língua, para o que Saramago se junta aos falantes brasileiros e enuncia como “nós”, convocando portugueses e brasileiros à tarefa de aprender a falar/escrever corretamente a sua língua:

Então todos **nós**, incluindo **portugueses e brasileiros**, ainda temos de resolver este problema espinhoso: **como aprender a falar e escrever a nossa língua corretamente?** Pode-se objetar que este é um problema global, e em todo o mundo este meio de comunicação por excelência, a língua falada e escrita, **para muitas pessoas, e até mesmo para aqueles que têm ensino superior**, torna-se um mistério impenetrável... (Grifos meus).

O “nós” que põe os brasileiros ao lado dos portugueses e que exclui os falantes dos demais países de língua portuguesa dá visibilidade à posição ideológica que o escritor assume, na distribuição das línguas a seus falantes no espaço de enunciação. O “nós” envolve os portugueses na tarefa de aprender a falar/escrever a língua, entretanto os excetua dentre os falantes que não falam/escrevem corretamente, quando põe em relação os 10 milhões de falantes do português de Portugal e os 160 milhões de falantes do Brasil. Caberia então perguntar-nos, desse “nós” que falamos a língua portuguesa no mundo, ou seja, dos 170 milhões de falantes, quem a “falamos” e a “escrevemos” corretamente?

Em outro ponto da sua reflexão, fazendo referência ao “movimento hierático da nossa linguagem clara”, o escritor conclui sua *opinião* sobre a língua portuguesa no mundo enunciando em primeiríssima pessoa, como em “deixe-me preocupar especialmente com o destino da minha própria língua”. Nessa formulação, o Brasil é apagado não apenas pelo uso do pronome “eu”, que circunscreve o espaço de enunciação ao enunciador, senão também pelas referências às personalidades de um passado da língua em Portugal, como com Fernando Pessoa e António Vieira:

Isso é fato, mas deixe-me preocupar especialmente com o destino da minha própria língua, a propósito da qual Fernando Pessoa escreveu, fazendo alusão a nosso pai António Vieira (1608-1697): “Este movimento hierático de nossa linguagem clara, majestosa, esse modo de exprimir as ideias nas palavras inevitáveis, essa maravilha vocálica, cujos sons são de cores ideais”. Pessoa dizia que havia chorado de emoção ao ler Vieira. Eu, eu choro de tristeza se, por descuido, chegamos a perder essa riqueza que era nossa.

Definida por Vieira e retomada por Pessoa como “maravilha vocálica, cujos sons são de cores ideais”, a língua portuguesa é posta pelo escritor em relação a seu sentimento pessoal de tristeza e medo, como um objeto de perda, “essa riqueza que era

nossa”. Ao afirmar a língua portuguesa como essa riqueza que era “nossa”, Saramago restringe-a ao espaço de enunciação de Portugal, apagando as demais nações falantes dessa língua. Desse modo, os supostos 200 milhões tomados como o número de falantes da língua portuguesa no mundo (em 2003) são escandidos por Saramago entre: 30 milhões de habitantes, cujos países têm o português por língua oficial – mas não são falantes do português; 170 milhões de falantes que precisam aprender a falar/escrever corretamente a língua portuguesa – pois “possuem sobre ela um saber rudimentar”; 10 milhões de falantes, portugueses, que dominam e sabem a língua integralmente, essa “riqueza que era nossa”, mas que poderão perdê-la como legado absoluto.

Vemos em Saramago o funcionamento discursivo de uma memória compatível com a atuação de uma história oficial sobre a língua portuguesa no mundo, à medida que promove a exclusão de tudo o que escapa ao exercício do poder, e, que por isso mesmo, faz preservar a nostalgia de um passado original e verdadeiro, como vemos em Mariani (1996:36).

No que concerne ao Brasil, percebemos o resíduo de sentidos que permanece e insiste em repetir-se em relação às discussões e polêmicas do século XIX sobre a língua portuguesa. Está dado na *opinião* de Saramago que os brasileiros têm a língua portuguesa enquanto língua materna, nacional e oficial, como também de que precisam fazê-lo “corretamente”. Em “perder essa riqueza que era nossa” o escritor faz significar os sentidos de completude e unidade da língua referida a Portugal, visto que ao juntar os 160 milhões de falantes brasileiros aos 10 milhões de portugueses, tem-se a projeção midiática, etc., a apropriação brasileira dessa língua portuguesa, justamente desses que a falam/escrevem incorretamente.

Como nas formulações de Saramago, a entrevista de Mia Couto, cedida à Revista *Época*, refere também a língua portuguesa ao desenvolvimento cultural e material de um país, à medida que afirma sobre “o poder que o Brasil tem de exportar cultura e contagiar os países de língua portuguesa”. Dessa formulação de Mia Couto, pontuamos os sentidos em funcionamento, que se definem em tomar a língua do Brasil como cultura a ser exportada; os habitantes de Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, bem como Macau, são referidos como falantes de países de língua portuguesa.

No que concerne a esse espaço de enunciação da língua portuguesa, o escritor promove um deslocamento que tira Portugal e coloca o Brasil como referência das questões da língua e da cultura. Isso não é nada trivial, se se considerar a história dos

processos de colonização e gramatização da língua portuguesa no Brasil. A formulação de Mia Couto, para além de instigante, produz-se enquanto repetição de sentidos *já-dados* nas relações entre colonizador/colonizado. Lembramos que, em sua história de formação nacional, o Brasil sempre tomou a língua/cultura de Portugal, França, como exemplares à instrução curricular educacional, dando-lhe sempre o estatuto de superioridade e grandeza ao processo de *ocidentalização*, consequentemente, de gramatização da língua¹⁰.

A predicação de Mia Couto aos falantes africanos ou asiáticos do português como “falantes dos países de língua portuguesa”, em relação a como refere Saramago, em “habitantes de países que tem por língua oficial o português”, ainda, quem “tem sobre ela um conhecimento rudimentar” produz diferenças. Na entrevista de Mia Couto, esta predicação aos falantes do português está ligada ao que mostra em relação à “África que está se apropriando do português com cinco países africanos que o fazem de modo diverso”, o que põe em questão não haver falantes da língua nesses países em que o português é língua oficial. Ou melhor, Mia Couto divide diferentemente o espaço de enunciação da língua portuguesa em relação a seus falantes.

Não obstante ao funcionamento desses sentidos sobre a língua portuguesa, jogando entre diferentes posições discursivas, visto se sustentarem ideologicamente também em diferentes posições, temos, na entrevista de Mia Couto, os resíduos de sentidos de algo que permanece, enquanto um *mesmo* que se repete, como já o dissemos anteriormente. Salientamos as formulações abaixo, no intuito de melhor desfiar os fios que tecem as diferentes posições discursivas sobre a língua, e então, compreendê-las:

- o Brasil reúne condições para se tornar **a nação dominante** do ponto de vista cultural e linguístico;
- **o Brasil serviu como modelo** para a formação da identidade nacional das nascentes nações lusófonas da África;
- O português é uma língua viva, não porque ela seja especialmente diferente.
Mas ela viveu essa coisa que se chama Brasil;
- As diferenças do português em vários países não são sentidas como um problema. Salvo alguns **intelectuais conservadores do Brasil e de Portugal**, que têm um certo **gosto de se apropriar da pureza da língua**. De resto, **existe nos países lusófonos até um gosto de visitar essas diferenças**. O que

10 Referimos aqui a trabalhos desenvolvidos e publicados pelo Programa História das Ideias Linguísticas do Brasil – HIL, sob a coordenação do Prof. Eduardo Guimarães (UNICAMP) e Eni P. Orlandi (UNIVÁS), dentre outros pesquisadores.

está acontecendo de forma inelutável é **que a variante brasileira será dominante. O português do Brasil vai dominar.** (Grifos meus).

De certo modo essas formulações atualizam a memória das relações de poder entre Brasil e Portugal, quando de sua história de colonização, em que o português de Portugal é imposto, a duras penas, como língua obrigatória e oficial no Brasil. O espaço de enunciação da língua portuguesa divide-se agora diferentemente em relação à distribuição das línguas suposta por Saramago, visto que, em Mia Couto, o Brasil passa a ocupar o lugar de Portugal, enquanto referência no mundo para a exportação da língua e cultura. Buscaremos compreender esse tecido de sentidos, pondo as formulações de Mia Couto em relação com as de Saramago, desfiando dentre os fios aqueles que implicam repetir a máxima da relação *colonizador/colonizado* e os que produzem diferença.

Para a compreensão desses sentidos que se entrecruzam sobre a língua portuguesa, tomamos da Análise do Discurso a noção de interdiscurso, tal como definida por Pêcheux (1988:162). Para esse autor, o interdiscurso funciona como o *todo complexo com dominante das formações discursivas*, em que a formação discursiva se define como o que, numa formação ideológica, numa posição, conjuntura dada, determina *o que pode e deve ser dito*. Com Orlandi (2007:31), tomamos o interdiscurso como memória discursiva, indiferentemente, considerando produzir do mesmo modo o movimento entre o que se mantém e o que muda de sentidos:

Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (Orlandi, 2007:31).

Consideramos, assim, que a memória discursiva supõe o movimento de sentidos que tornam e retornam e que dizem o *já-dito* pela paráfrase e polissemia. Conforme afirma Orlandi (2007:37), “[...] é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam”. Assim, os dizeres, as formulações não se significam a partir das intenções daquele que formula, senão pelos modos como o sujeito é afetado, inscrito na posição ideológica que o determina. No que concerne ao nosso material de leitura, tomaremos das formulações de Saramago e de Mia Couto esse jogo, esse movimento que faz retornar ao mesmo espaço de dizeres, e, ao mesmo tempo,

que se mantém, ao produzir sentidos sobre a língua portuguesa e ao circunscrever o espaço outro de enunciação.

Se, no final do século XIX, no contexto político de independência econômica, cultural e linguística do Brasil em relação a Portugal, as discursividades sobre a língua portuguesa dividiam o seu espaço de enunciação entre o português de Portugal e o português do Brasil, no contexto atual dessas produções de Saramago e Mia Couto sobre a língua, não nos parece menos óbvio, vemos estender esse espaço de enunciação, a partir de Moçambique e outros países de língua portuguesa. No entanto, supomos, pela Análise do Discurso, que estender o espaço enunciativo de dizer sobre a língua portuguesa não significa, necessariamente, dizer de outro modo, ressignificar, mudar a posição.

Nessa distribuição igual/desigual das línguas, conforme Guimarães (2002:24), vemos funcionar como repetição a máxima da relação colonizador/colonizado, em que os países africanos (Moçambique, ao menos, considerando quem enuncia) colocam-se na relação de dependência linguística e cultural com o Brasil, ressignificando os moldes da relação dominante entre Brasil e Portugal do final do século XIX. Ao mobilizarem a língua que produz desenvolvimento cultural e material, Saramago e Mia Couto, indiferentemente, põem em cena a língua portuguesa, enquanto que apagam as línguas africanas e indígenas: de um lado, o Brasil se desenvolveu porque tomou o português como língua materna, nacional e oficial, e de outro, os países africanos se mantiveram com suas línguas maternas, restringindo para o português o lugar do Estado em suas ações oficiais de escrita.

O português opera, assim, como uma língua da civilização ocidental, logo, do desenvolvimento linguístico e cultural. A posição discursiva de Mia Couto, de que a língua do Brasil se dá como referência em relação à cultura, faz repetir uma contradição lógica da relação entre colonizador e colonizado, em que o sujeito português chora a língua pela perda desse seu tesouro imensurável, legado do passado e em que o sujeito africano põe-se a projetar na história de constituição do português do Brasil, fazendo repetir sobre a língua, o lugar do colonizado. Diferentemente de Saramago, o discurso de Mia Couto sobre a língua portuguesa no mundo, mobiliza a memória de um outro passado, mais recente e melhor, produzindo o efeito de um futuro promissor, nos termos de Mariani (1996:35).

Em termos discursivos, consideramos fundamental que, nessa relação entre Brasil e países africanos de língua portuguesa, não haja uma reprodução direta do jogo

entre Brasil/Portugal, sem o trabalho de historicização dos sentidos. E então, nos termos de Orlandi:

É a partir daí que podemos pensar a lusofonia, não como algo homogêneo e estabilizado mas como algo extremamente heterogêneo, instável, mas também se representando na diferença, como tendo uma unidade ideal. [...].

Penso que esta é a maneira mais interessante, moderna, atual de pensar a lusofonia, não em relação ao passado e à colonização mas ao futuro e à mudança: a que vê como lugar da multiplicidade (Orlandi, 2009:160).

A errância histórica e de sentidos é o que define os diferentes espaços de dizer a/sobre a língua portuguesa, em suas particularidades. Considerar a língua portuguesa como um precioso legado dos portugueses ou como língua de mercado internacional, correspondendo às representações políticas e culturais que o Brasil ocupa no cenário mundial, põe em circulação o funcionamento do mesmo, numa relação com o diferente, da memória discursiva. O mesmo, se nós tomamos o Brasil pelas relações de poder/dever quanto à língua portuguesa e os demais países; mas também o diferente, se consideramos a historicidade da língua, constituindo relações outras, na contemporaneidade, entre língua e sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Auroux, Sylvain. 1992. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp.

Gadet, Françoise; Pêcheux, Michel. 2004. *A língua inatingível*. Tradução: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Pontes: Campinas.

Guimarães, Eduardo & Orlandi, Eni P. 1996. Apresentação: Identidade linguística. In: *Língua e cidadania: o português no Brasil*. Campinas: Pontes.

_____. 2002. *Semântica e Acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Editora Pontes.

Haroche, Claudine. 1992. *Fazer dizer, querer dizer*. Trad. E. P. Orlandi. São Paulo: Editora Hucitec.

Henry, Paul. 1992. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.

Mariani, Bethânia Sampaio. 1998. *O PCB e a imprensa*. Campinas, Editora da Unicamp e Editora Revan.

_____. 1996. *O comunismo imaginária: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp - Campinas, SP: [s.n.].

Orlandi, Eni P. 1999. *Análise de Discurso: princípio e procedimentos*. Campinas: Pontes.

_____. 2000. *Discurso e Leitura*. São Paulo: Cortez & Campinas: Editora da Unicamp.

_____. 2001. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos*. Campinas: Pontes.

_____. 1999. Do sujeito na história e no simbólico. In: *Revista Escritos*, nº 4 - Labeurb - Unicamp, Campinas.

_____. 2002. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez.

_____. 1999. Reflexões sobre escrita, educação indígena e sociedade. *Revista Escritos: Escrita, Escritura, Cidade I*. nº 5. Labeurb: Unicamp, Campinas.

_____. 2006. O conhecimento sobre linguagem. In: Claudia Castellanos Pfeiffer e José Horta Nunes (Orgs.). *Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes.

_____. 1987. *A Linguagem e seu Funcionamento*. Campinas: Pontes.

_____. 1996. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes.

Pêcheux, Michel. 1988. *Semântica e discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp.

Pfeiffer, Claudia Castellanos. 2001. A língua nacional no espaço das polêmicas do século XIX/XX. In: *História das Idéias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e da constituição da língua nacional*. Eni P. Orlandi (Org.) Campinas: Pontes e Cáceres, MT: Unemat Editora.

Zoppi-Fontana, Mônica Graciela. (Org.) 2009. *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas, SP: Editora RG.

Anexos

MIA COUTO: “O PORTUGUÊS DO BRASIL VAI DOMINAR”

O romancista moçambicano afirma que o poder que o país tem de exportar cultura está contagiando todos os países de língua portuguesa.

A língua portuguesa está se transformando, muito por causa do papel das nações emergentes lusófonas da África. Nesta entrevista exclusiva a **ÉPOCA**, concedida em São Paulo, o escritor moçambicano Mia Couto, de 59 anos, diz que, apesar da renovação de linguagem que a **África** apresenta hoje, o **Brasil** reúne condições para se tornar a nação dominante do ponto de vista cultural e linguística. Em relação aos países africanos, Couto diz que é preciso distinguir entre independência e descolonização – e que a África ainda não enfrentou o segundo termo. Para ele, o Brasil serviu como modelo para a formação da identidade nacional das nascentes nações lusófonas da África, mas pelo lado da mistificação, o que se esgotou rapidamente. Ele afirma que o Brasil virou as costas para a África.

ÉPOCA – O uso do português em várias nações gerou diferenças de vocabulário e uso. O português está se transformando a ponto de se desfigurar?

Mia Couto – O português é uma língua viva, não porque ela seja especialmente diferente. Mas ela viveu essa coisa que se chama Brasil. Vive a África que está se apropriando dela com cinco países africanos que o fazem de modo diverso. É evidente que é preciso um cuidado para que a língua continue com uma identidade e um fundamento. As diferenças do português em vários países não são sentidas como um problema. Salvo alguns intelectuais conservadores do Brasil e de **Portugal**, que têm um certo gosto de se apropriar da pureza da língua. De resto, existe nos países lusófonos até um gosto de visitar essas diferenças. O que está acontecendo de forma inelutável é que a variante brasileira será dominante. O português do Brasil vai dominar.

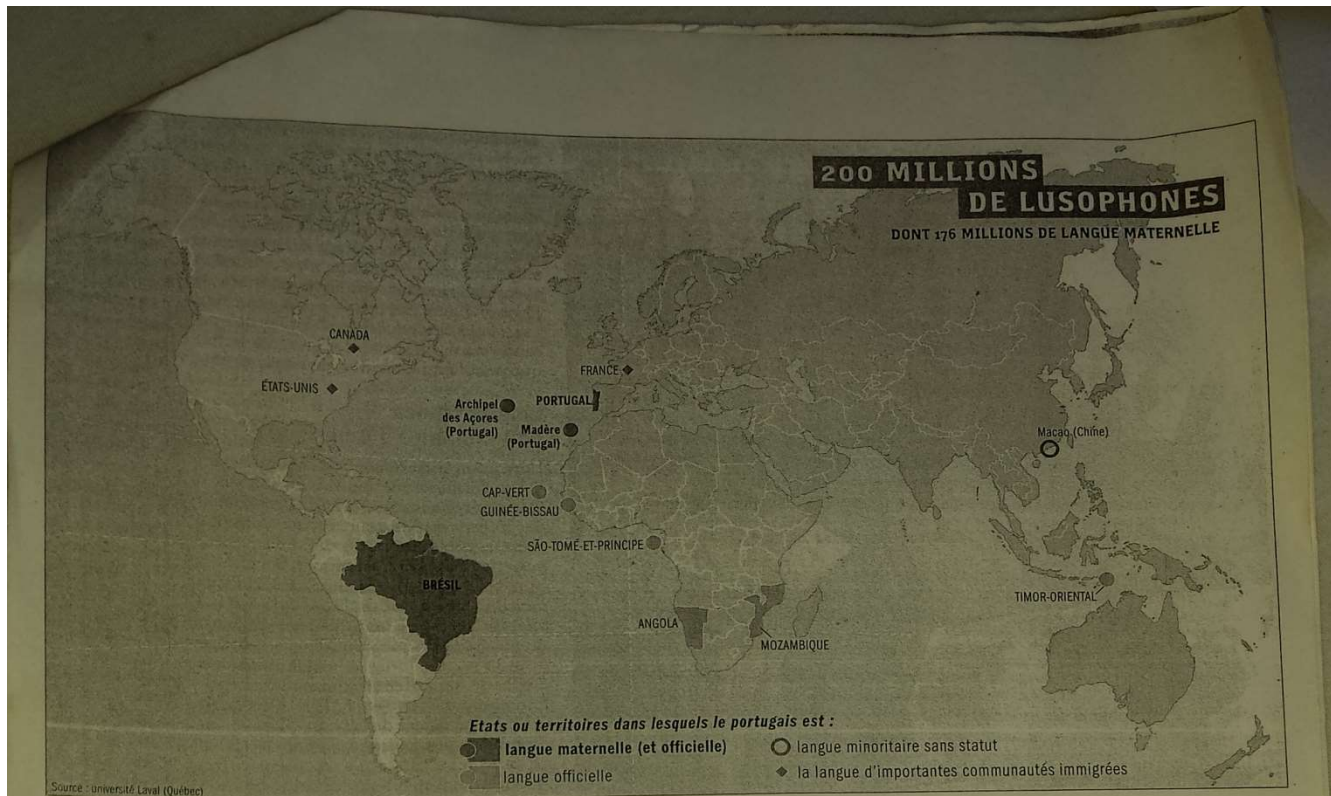
ÉPOCA – Por quê?

Couto – Por causa do tamanho do Brasil e da capacidade que o país tem de exportar a si próprio, por via da novela de televisão. Há coisas que estamos pegando de vocês brasileiros que vocês nem notam. É o caso da expressão “todo mundo”. É uma expressão típica brasileira. Nos outros países dizemos “toda gente”. Mas hoje “todo mundo” é comum em Moçambique. Outra palavra é cambalacho... Deve ser uma expressão africana.

ÉPOCA – “Cambalacho” é um termo do lunfardo, da gíria portenha, que incorporamos... É como “bacana”, do lunfardo argentino. Há uma troca. Eu lamento que não saibamos mais sobre as formas de falar da África. O Brasil exporta, mas não sabe absorver o que vem de fora.

Couto – O Brasil quis fazer uma batalha dentro da própria língua para se tornar independente de Portugal. Houve a afirmação de uma identidade própria que se expressa na língua. O Brasil sofre do peso de seu próprio tamanho. Sofreu um processo autocêntrico, que agora está sendo repensado e está mais propenso a escutar aquilo que vem de Moçambique, Angola e Timor Leste. Ele tem muita coisa da África, mas é antigo. Agora o país importa o vocabulário do Brasil. Nós africanos temos que ser mais ativos e mais criativos nessa troca com o Brasil. [...].





■ **José Saramago**
 Agé de 81 ans, l'écrivain est né au nord-est de Lisbonne. Tour à tour serrurier, fonctionnaire, éditeur et journaliste, il publie son premier roman, *Terra do pecado* (Terre du péché), en 1947. Mais ce militant communiste devra attendre 1982 pour accéder à la notoriété avec *Le Dieu manchot* (Albin Michel, 1998).



54

Le portugais à l'heure de l'illusion

A quoi cela sert-il de revendiquer 200 millions de locuteurs si ceux-ci n'ont qu'une connaissance rudimentaire de la langue ? s'interroge le Prix Nobel de littérature José Saramago.

ABC
 Madrid

Contrairement à ce qu'affirment habituellement les politiques de mon pays [le Portugal], en particulier quand ils ont des responsabilités au gouvernement, et donc l'obligation de faire vibrer la corde de l'optimisme, nous ne sommes pas 200 millions dans le monde à parler le portugais. Pour arriver à ce chiffre, on ajoute les 10 millions de Portugais aux 160 millions de Brésiliens, les 30 millions restants se répartissent

entre l'Angola, le Cap-Vert, la Guinée-Bissau, le Mozambique, São Tomé et Príncipe, le Timor-Oriental, ainsi que Macao, même si en l'occurrence on n'y entend que très rarement parler portugais dans la rue. Ainsi, apparemment, on arrive à un compte rond. Je dis bien apparemment, parce qu'en réalité on n'a pas additionné des locuteurs du portugais, mais des habitants de pays ayant pour langue officielle le portugais.

Or il faut savoir qu'une bonne partie d'entre eux soit ne parlent pas la langue, soit n'en ont qu'une connaissance rudimentaire. Cela étant, dès qu'on aura surmonté les très graves difficultés qui ont jusqu'ici entravé, voire rendu impossible, le développement culturel et matériel de presque tous les pays cités, ce chiffre de 200 millions devrait cesser d'être l'illusion statistique qu'il est à l'heure actuelle. Alors, nous tous, Portugais et Brésiliens compris, nous aurons encore à résoudre cet épineux problème : comment apprendre à parler et à écrire correctement notre langue ? On

pourra m'objecter qu'il s'agit là d'une question mondiale, que partout dans le monde ce vecteur de communication par excellence qu'est le langage parlé et écrit devient, pour beaucoup de gens, et même pour ceux qui ont fait des études supérieures, un mystère impénétrable...

"Ce mouvement hiératique de notre langue claire"

C'est vrai, mais permettez-moi de m'inquiéter, surtout, du sort de ma propre langue, à propos de laquelle Fernando Pessoa a écrit, faisant allusion à notre père António Vieira [1608-1697] : "Ce mouvement hiératique de notre langue claire, majestueuse, cette façon d'exprimer les idées dans les mots inévitables, cet émerveillement vocalique où les sons sont des couleurs idéales." Pessoa racontait qu'il avait pleuré d'émotion en lisant Vieira. Moi, je pleurerai de tristesse si, par incurie, nous en venions à perdre cette richesse qui fut la nôtre.

José Saramago